



## Empresas de segurança se valem da pandemia para cometer abusos contra os vigilantes

A pandemia de Coronavírus - que já matou mais de 31 mil brasileiros, sendo 96 vigilantes - tem sido a desculpa perfeita para que empresas de segurança cometam abusos contra os profissionais.

Muitas se negam a fornecer materiais de higiene e EPIs para proteção contra a doença e agora a maior parte se utiliza de um Termo Aditivo Emergencial para fracionar direitos fundamentais dos vigilantes como salários, férias, décimo terceiro, VT, VR, entre outros.

Enquanto empresas de outros segmentos minimizam a dor de seus profissionais com proteção, ajuda e acolhimento as empresas de segurança vão na contramão retirando direitos e priorizando lucro a qualquer custo.

É o extremo da falta de empatia para com os vigilantes e seus familiares.



### Mas por que tanta maldade com os trabalhadores?

O Termo Aditivo Emergencial veio para beneficiar as empresas de segurança que prestam serviço em órgãos públicos.

Muitas empresas de segurança privada têm por costume não depositar direitos básicos dos trabalhadores como FGTS, INSS, salários e outras verbas.

Para impedir que essas em-

presas cometam tais irregularidades alguns tomadores de serviço seguram os pagamentos até que seja provado que os depósitos estão sendo feitos.

E para contornar a “demora” nos pagamentos e “fazer caixa” as empresas de segurança conseguiram que sindicalistas corruptos alinhados com a federa-

ção dos vigilantes (Fetravesp) assinassem o Termo Aditivo Emergencial que lhes dá garantia jurídica para fracionar direitos.

Ou seja, como sempre a conta recai sobre as costas dos trabalhadores. Logo os trabalhadores, que são a matéria prima que gera lucro para as empresas.

### Mais de 160 mil vigilantes prejudicados

O Estado de São Paulo reúne hoje aproximadamente 160 mil vigilantes e todos - sem exceção - estão sendo penalizados com esse Termo Aditivo Emergencial.

Diretores sindicais sem escrúpulos, que deveriam estar trabalhando pela proteção dos vigilantes, fazem o que bem entendem em nome de interesses próprios.

Canalhas travestidos de diri-

gentes sindicais testam o limite dos vigilantes. A pessoa que deveria proteger o trabalhador é justamente aquela que o está traindo. São os estelionatários sindicais.

# Morte por Covid e demissão durante a pandemia

Outro absurdo cometido pelas empresas é a falta de sensibilidade diante da situação dos vigilantes.

No último mês dois vigilantes da Albatroz que prestavam serviço dentro da Universidade de São Paulo (USP) morreram em decorrência de COVID-19. Antes disso, a instituição de ensino já havia alertado a Albatroz para a necessidade de afastar profissionais com mais de 60 anos – que à época eram consideradas pessoas no grupo de risco.

Com a negativa da Albatroz os profissionais infelizmente acabaram



infetados e foram a óbito. Mas a tragédia não foi suficiente para que a empresa afastasse dois outros profissionais do grupo de risco.

Temendo pela vida também desses dois vigilantes, a própria Universidade de São Paulo tomou a iniciativa de afastá-los sem prejuízos

aos salários.

Quando soube do afastamento a Albatroz foi rápida em demitir os profissionais, deixando famílias na rua da amargura.

## Efeitos da terceirização e nenhuma responsabilidade com a sociedade

De acordo com o presidente do Sindicato dos Vigilantes de Barueri, Paulo Messias, empresas de segurança privada são como gafanhotos, que nada produzem, mas devoram com muita rapidez os recursos e depois vão embora deixando apenas a terra devastada.

“O que as empresas de segurança privada produzem? Não produzem nada. E como não produzem não tem prejuízo. Não é como o dono de uma loja que têm prejuízo com o estoque parado”, explica.

Para ele, basta olhar o que as empresas têm feito pelo social du-

rante a pandemia. “Alguém viu alguma ação de empresa de segurança privada? Não. Não viu porque não existe.

“E o pior de tudo: esses indivíduos estão cometendo absurdos com a anuência da diretoria dos sindicatos”, afirma.

## A pior Convenção Coletiva dos últimos anos

A diretoria do Sindicato dos Vigilantes de Barueri destaca que a próxima Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) da categoria pode ser uma das piores se não houver reação dos vigilantes.

Isso porque as empresas devem incluir em definitivo o Termo Aditivo Emergencial na CCT.

“As negociações coletivas no Estado de São Paulo sem-

pre foram obscuras, são feitas sem a participação dos trabalhadores e na calada da noite. E esse ano vai piorar porque existe a justificativa da pandemia”, dizem os diretores.

“Vai chegar o final do ano as empresas vão alegar que não tem dinheiro, que estão em crise, e aí enfiam regras do Termo Aditivo na CCT. E uma vez na convenção, fica muito difícil tirar”, continuam.



“Esse é o momento. Ou os vigilantes reagem agora ou continuarão sendo esfolados vivos”, finalizam.